

A Nova Formação: transformação e qualidade

Ruy Leite Berger Filho

Introdução

A grande transformação que queremos para a escola só se dará se for no nível da qualidade. Uma escola nova é uma escola de qualidade e para isso temos que trabalhar com seu ator principal que é o professor. Formar esse ator da mudança, visando à qualidade é o caminho que leva a verdadeira transformação da escola.

Mas não podemos reduzir essa mudança, exclusivamente, a ação do professor. O aluno, a escola, enfim, os vários atores desse processo devem desempenhar papéis ativos na construção desta nova escola que pode ser chamada de Escola Jovem, Escola Cidadã, Escola Sagarana ou Escola Guaicuru, todas em busca de um objetivo comum que é a qualidade.

E este objetivo será alcançado se pensarmos em uma escola porosa, que possa absorver os elementos da cultura contemporânea, da cultura do jovem adulto e que assimile o conceito de homem como pessoa integral, dimensionando-o nos diferentes papéis que ele tem na sociedade.

Pensar nessa escola é definir a sua identidade para atender a diversidade, para que seja inclusiva e tenha flexibilidade para se reestruturar e se reorganizar de acordo com o grupo que a integre. Uma escola que forme cidadãos e não especialistas em disciplinas, que tenha relevância para os jovens e que lhes dê o sentido de pertinência, que reflita as novas relações de poder que se estabelecem entre as gerações e entre diferentes esferas da sociedade e dê acesso à compreensão da complexidade do mundo contemporâneo, formando analistas simbólicos que reflitam e realizem ações neste campo, para isso é necessário que se mantenha no processo a tensão entre autonomia e dependência para formar identidades íntegras em um processo interdependente.

Queremos uma escola que seja local de trabalho, orientadora da relação dos jovens no mundo, que trabalhe fundamentalmente o diálogo de uma geração com

a humanidade, enfim uma escola viva que propicie a construção de um projeto de vida e, para isso, é necessário uma nova institucionalidade para essa escola.

Resta saber quais serão os atores desta nova institucionalidade, que contrato se estabelecerá entre a escola e o professor; a geração formadora e a se formar, qual formação terão esses atores? Enfim, se é possível pensar em uma nova instituição sem repensar a formação dos gestores dessa escola, inclusive, como os técnicos que coordenam e formulam o processo conduzirão a sua realização e a formação dos futuros atores desta nova institucionalidade.

Interdependência

Além disso, é importante um enorme esforço para lançar pontes entre a escola e a comunidade para estabelecer uma comunicação ininterrupta entre os atores do processo educativo e os de uma sociedade formadora, não uma formação convencional e sim que acrescente aqueles elementos com horizontes definido que complementem e apoiem a prática formativa da escola.

Devemos encontrar maneiras de elaborar uma estratégia forte de comunicação entre a comunidade e a escola para que aquela entenda e se comprometa em uma parceria de trabalho com os agentes da escola, ou seja, professores, gestores e alunos. É importante o trabalho de transformação na qualidade, porque esse aspecto é que vai mudar a face de todo o processo educativo. Quando a sociedade compreenda o sistema formativo integral e contínuo não só do professor, como de todos os atores envolvidos com a escola, alcançaremos a qualidade sonhada para o nosso ensino.

Portanto, pensar na formação do professor é pensar na perspectiva de que ele é um ator fundamental nesse processo, embora, não seja o único, ele passa a desempenhar outros papéis nessa escola à medida que muda o contrato didático estabelecido entre professor e aluno, muda um outro contrato, este contrato tácito entre a escola e a comunidade. As relações são diferentes e precisamos ter profissionais preparados para cumprir esses diferentes papéis.

Portanto, precisamos rever a formação inicial desses atores e, principalmente, do professor, porque é quem, no decorrer do tempo, começa a exercer esses outros papéis e isso deve estar previsto na sua formação tanto inicial como continuada a qual é muito mais difícil de ser concebida e compreendida para que alcance sua eficácia do que a formação inicial em que já se tem mais clara a concepção de formação, ainda que sua implantação seja mais conflituosa.

Competências

O primeiro aspecto da transformação tanto na formação inicial como na continuada é o desenvolvimento de competências fundamentais como os valores estéticos, políticos e éticos, inspiradores da sociedade democrática. A compreensão, reflexão e a ação imbuídas e construídas nesses valores são a base desse processo que pode não garantir práticas não isenta de erros como, por exemplo, profissionais que sirvam à ações totalitárias, ou contrárias às práticas antidemocráticas, mas cria uma base crítica sobre a qual se construirá o processo de reflexão desses valores e de ações, orientados por eles.

Essas competências permeiam todo o sistema escolar que deve impregnar-se delas e serem trabalhadas desde a fase inicial da formação do professor.

Um segundo aspecto dessa transformação é, por outro lado, a compreensão da nova escola e o seu papel social. Ela não pode, por exemplo, resolver o problema da equidade social, mas deve necessariamente ser uma escola que lute pela equidade na sua prática educativa e ter, permanentemente, a perspectiva de que a qualidade da formação é essencial. Além disso, ela precisa ser diferente para alcançar essa qualidade, ter presente a inclusão e a diversidade, porque sem elas não há qualidade.

A formação de professores para essa escola não pode desconsiderar como competência essencial o domínio dos conhecimentos que serão

socializados e não pode desprezar uma perspectiva cultural que seja interdisciplinar e ao mesmo tempo, contextualize o campo de saber ao qual ele está vinculado com a produção humana.

As competências referentes ao domínio do conhecimento pedagógico devem estar intimamente relacionadas ao conhecimento e com o campo de saber específico em que a dimensão pedagógica não se desvincule da dimensão do campo de saber de atuação específica com que ele está trabalhando e que tenha uma visão epistemológica da sua área.

Portanto, esse processo de formação deve articular permanentemente a dimensão teórica e a prática, que tenha competências referentes aos conhecimentos de processos de investigação que possibilitem refletir, ao mesmo tempo, sobre a sua própria prática pedagógica e o seu campo de saber.

O professor que não pode continuar pensando do ponto de vista da investigação o seu próprio campo de saber está limitado a um conjunto encapsulado de conhecimentos que ele recebe para passar adiante. E, aquele que não é capaz de refletir, pensar, investigar e contribuir para o crescimento da sua prática pedagógica a partir da investigação sobre ele, também não tem as condições de trabalhar com autonomia, porque não tem autonomia. Em última instância, ele deve ser o agente do seu próprio desenvolvimento profissional, desencadeando, assim, um processo de competências orientadoras da sua formação, tão importantes na fase inicial quanto na continuada.

Não se pode pensar uma nova escola, uma nova concepção, uma nova institucionalidade, se continuarmos pensando processos de formação continuada com base no modelo de escola com que se trabalhou até agora, um processo de formação continuada que se faz sem continuação, ou seja, uma capacitação que se faz aos soluços, em períodos interrompidos, sem conseqüência, contrariando a idéia de processo, de reconstrução que se deve trabalhar para atingir a qualidade na transformação.

Essa exigência é uma demanda clara da escola, mas não só dela. O momento em que há novas concepções, novos referenciais curriculares, nova reflexão sobre a escola é também o momento de propor à escola um outro

processo. E ela tem que se organizar para gerenciar este processo de interação entre seus vários atores. Os gestores da escola são chamados a liderar esse processo de capacitação, um processo continuado que pense sobre a prática e a ação de transformação em que o melhor agente dessa formação é o próprio professor em capacitação.

Para que isso aconteça, é necessário que grupos de professores comecem a refletir juntos sobre sua prática escolar e que estes se tornem multiplicadores que ajudem no processo de reflexão, produzindo recursos humanos e materiais até que este grupo se configure como um conjunto que se capacita, interagindo na interdisciplinaridade em que os vários saberes sejam compartilhados entre todos e uns se enriqueçam com os conteúdos dos outros, ou seja, a Matemática orientando a compreensão lógica do mundo, as várias linguagens sinalizando para a comunicação mais rápida e fácil, a Física mostrando a outra face da realidade em que vivemos, a Biologia revelando os muitos caminhos da vida...e todos possam se apropriar desses múltiplos conhecimentos e desencadear o processo de seu próprio desenvolvimento profissional de um modo constante desde que estabeleçam compromissos internos como metas, tempos, objetivos, mas que, obviamente, contenha como suporte, tempo de discussão e diretrizes.

Esse processo é importante, pois favorece a formação de identidades autônomas, quando os formadores não são identidades autônomas, conseqüentemente, não terão autonomia no seu processo de trabalho.

Não é o cursinho de metodologia que treina para ensinar determinado assunto que vai formar os professores nesse novo processo de transformação na qualidade, porque esse sistema dissociou a ação do professor da ação de conhecer determinado saber. Ele não domina a estrutura interna do saber com que ele trabalha e não vai saber refletir didaticamente esse conhecimento.

A luta pela valorização, pela profissionalização dos educadores precisa necessariamente começar pela profissionalização desses professores, gerando capacidade de desenvolvimento próprio. Passo importante para desencadear essa luta, nesse momento, é a proposta de diretrizes nacionais para a formação inicial

de professores, a partir disso, comprometer as instituições. Pode-se pensar, então, em 10 anos para que essa formação esteja consolidada. Aí, sim, poder-se-á avaliar, refletir e repensar essa prática e promover a formação continuada para o conjunto desses professores. Essa estratégia não é fácil, romper o imobilismo e sair do casulo para transformar a lagartixa em borboleta é um passo largo, mas precisa ser dado para converter a lei em recurso extraordinário.

Precisamos começar um amplo exercício de mudança na nossa prática, como dirigentes de órgão central, descentralizado e como escola, porque o que se quer não é que ela seja uma escola de jovens ou uma escola de brancos, de negros, ou de índios, queremos uma escola de todos, uma escola inclusiva que tenha juventude permanente, que se articule com o seu tempo, que saia do século XVIII, dos quadros sinópticos conceituais, que possa ser depositária e transmissora de todo o conhecimento produzido e acumulado pela humanidade, base que forjará a sociedade do conhecimento para crianças, jovens, adultos, formadora acima de tudo de cidadania e que não se esgote, mas se renove. Para isso, é preciso renovar a formação de seus atores, principalmente, o professor. Pois, se ele não assumir os vários papéis que ele deve desempenhar na escola, cria-se um profundo conflito interno entre o modelo de escola dos gestores e a prática na sala de aula o que resultará em um rompimento da escola como instituição. Ela precisa refletir, também, na mudança dos espaços, tempos, relações entre grupos e entre saberes. Este repensar é fundamental para a formação dos professores.

Importante, ainda, é que façamos reflexões próprias e que trabalhem para termos nós, também, gestores escolares ou do sistema e autonomia para propor processos formativos continuados de todos os atores que se articulam na escola.